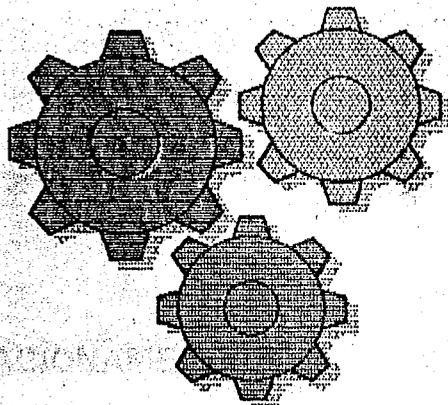


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO



O RELACIONAMENTO PROFESSOR X ALUNO:

O ESTUDO EM TRÊS ESCOLAS NA CIDADE DE PATOS - PB

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Básicas da UFPB, como parte das exigências do curso de Especialização em Educação para a obtenção do título de especialista.

ADRIANA CARNEIRO DE A. CAMPOS

PATOS - PB
DEZEMBRO DE 1996.

ADRIANA CARNEIRO DE A. CAMPOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O RELACIONAMENTO PROFESSOR X ALUNO:
O ESTUDO EM TRÊS ESCOLAS NA CIDADE DE PATOS - PB**

" Se o homem é um ser geneticamente social, a relação professor x aluno é de primeira grandeza " (GROSSI, 1993) .

ADRIANA CARNEIRO DE A. CAMPOS

PATOS - PB
DEZEMBRO DE 1996.

ADRIANA CARNEIRO DE A. CAMPOS

**O RELACIONAMENTO PROFESSOR X ALUNO:
O ESTUDO EM TRÊS ESCOLAS NA CIDADE DE PATOS - PB**

Monografia aprovada em, ___/___/1997.

Banca Examinadora:

Alana Candeia de Melo

(Orientadora)

Sineide Lacerda de Caldas

(Examinadora)

Glória Maria de Araújo

(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus, de um modo todo especial.

Aos Mestres; vocês que souberam contribuir e incentivar para esse êxito em minha vida.

Aos colegas, pelo nosso companheirismo e amizade; que seja sempre renovado.

À minha família: esposo e filhos, com os quais compartilho esta minha alegria.

DEDICATÓRIA

1. INTRODUÇÃO

2. REVISÃO DE LITERATURA

É justo que essa vitória seja ofertada a meu querido e inesquecível
Pai, de quem sinto saudades eternas. E também à minha Mãe,
esposo e filhos, pela compreensão em que depositaram em mim,
durante essa jornada, dedico-lhes esse eventual mérito.

3. METODOLOGIA

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Análise do problema com base na literatura	17
4.2. Análise do problema com base na prática profissional	21
4.3. Conclusões	29
5. CONCLUSÕES	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

O RELACIONAMENTO PROFESSOR-ALUNO ÍNDICE

	Página
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 Fatores necessários na interação professor x aluno.....	8
2.2 Fatores que interferem na relação professor x aluno em sala de aula, na forma tradicional de ensino.....	13
3 METODOLOGIA.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
4.1 Análise do problema com base nas informações dos alunos.....	16
4.2 Análise do problema com base nas informações dos professores.....	21
5 SUGESTÕES.....	28
6 CONCLUSÕES.....	32
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXOS.....	35

O RELACIONAMENTO PROFESSOR X ALUNO.

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido sobre os fatores e as condições que asseguram o bom ensino e resultados satisfatórios de aprendizagem dos alunos. O fracasso da escola, principalmente da rede pública, caracterizado pelos altos índices de reprovção e evasão escolar, é preocupante e por isso tem sido motivo de discussões por parte daqueles que atuam na rede de ensino e ou daqueles que refletem e vêem, essencialmente, comunalmente, em uma educação consolidada, um veículo mediador e indispensável para uma sociedade mais justa e fraterna.

Muitos discursos acusatórios responsabilizam os professores pelos resultados insatisfatórios na escola. Os docentes, por sua vez, acreditam que o problema tem sua origem na desvalorização para com o professor, que é consequência de um histórico descaso público com a educação.

Sabemos que o processo de ensino constitui uma problemática, geradora de muita discussão teórica e poucas mudanças práticas. Diversas pessoas põem no professor o principal papel na resolução destes problemas. No entanto, diversos fatores estão envolvidos nesse contexto e estão todos interrelacionados, de forma que, pela importância que têm no processo educacional, devem ser tratados com igual empenho.

Abordaremos aqui, questões importantes que julgamos contribuir para o êxito da aprendizagem em sala de aula, que é uma comunicação bilateral, baseada na interação professor / aluno.

Para PERUFO (1995)¹, falar desse tema é acima de tudo, ver a escola como espaço de trabalho e construção do conhecimento, universo social onde as chances de sucesso ou fracasso dependerão muito da qualidade da relação entre educador e educando.

Em uma visão simplificada, diríamos que a função do professor é ensinar e consequentemente comunicar. Se a mensagem do professor não for assimilada pelos alunos, não haverá comunicação. logo não haverá proveito e tampouco aprendizagem.

Diante de tais constatações, verifica-se a necessidade de uma comunicação direcionada e bilateral, para que a aprendizagem em sala de aula obtenha ganhos qualitativos e quantitativos.

Como parte integrante do processo ensino-aprendizagem e diante da grande importância que tem a relação professor x aluno para a melhoria da educação, é que buscou-se nesse trabalho, como objetivo geral, analisar como se processa a comunicação interativa (aluno/professor) nas escolas. Para isso, este trabalho buscou atingir especificamente os seguintes objetivos:

¹ PERUFO, Jacira Beatriz Medeiros. Educar = Inter + Ação. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v. 11, nº 43, jul/set., 1995. p.p. 50.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A problemática da relação professor x aluno tem sua origem, segundo GROSSI (1993)², no fato de que o ensino tradicional baseia-se em duas teorias totalmente ultrapassadas e contraditórias: o inatismo, segundo a qual a gente já nasce com os conhecimentos embutidos dentro de nós, cabendo ao professor o papel de apenas acompanhar o desenvolvimento de alguma coisa que estaria realmente acontecendo no nosso aprender, e o empirismo, que diz que nada está dentro de nós e que tudo vem de fora.

A observação de que estas duas formas de ensino criam uma barreira entre o professor e o aluno, levou ao surgimento do pensamento construtivista. O construtivismo é, portanto, uma síntese entre as duas teorias anteriormente citadas, para a qual nem as coisas estão embutidas em nós e nem vem de fora; nós as construímos na interação e na interlocução.

A estrutura escolar e prática pedagógica das escolas brasileiras, em sua maioria, encaixa-se dentro do modelo de ensino reprodutor, onde a comunicação em sala de aula acontece em clima de passividade, onde o diálogo assume postura acrítica, repetitiva e unilateral. Neste sentido, a aprendizagem dos alunos tem um caráter contemplativo, pois a relação professor x aluno é carregada de conteúdo apenas, não considerando as qualidades necessárias, indispensáveis para a produção

² GROSSI, Ester Pillar. Relacionamento entre professor e aluno. In: **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXI, nº 247, outubro, 1993. p. 6-7.

do conhecimento, quais sejam: ação, reflexão, crítica, curiosidade, questionamento, inquietação e incerteza (BENINCA, 1982)³.

Nesta situação, a prática pedagógica (em que a comunicação tem somente a função de informar) não transcende o espaço de sala de aula, constituindo-se numa situação de ensino-aprendizagem desvinculada do contexto sócio-político-educacional. Caracteriza-se esta prática, por uma dissociação entre professor e aluno, entre teoria e prática, entre o real e o ideal, e entre o concreto e o abstrato.

Normalmente, a maioria dos professores não tem liberdade para falar sobre assuntos sugeridos ou postos pelos alunos, porque eles têm muito conteúdo e pouco tempo para aplicá-lo. Desta forma, a comunicação em sala de aula torna-se unilateral, apoiada na transmissão dos conhecimentos, cuja técnica utilizada pelo professor é, apenas, a aula expositiva, a qual gira em torno de informações e conclusões extraídas dos livros didáticos, sem, normalmente, serem questionados seus fins pedagógicos e sociais.

Desta maneira, o processo ensino-aprendizagem realiza-se dentro de um enfoque individualista, na qual os alunos são forçados a aceitar o discurso do professor, seguindo, acima de tudo, o jogo das regras institucionais (BENINCA, 1982)³.

Para GADOTTI (1985)⁴ o individualismo é um dos principais problemas da nossa sociedade. Para este autor, a educação tem se concentrado em seu papel de

³ BENINCA, Elli. *Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica*. 1982. São Paulo: Cortez.

⁴ GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez. 1995 p.p. 69 - 77.

preservação da sociedade e seu potencial transformador tem sido quase sempre ignorado.

A sociedade é dinâmica. A cada dia o mundo se transforma. A família e o relacionamento entre as pessoas ficam cada vez mais vulneráveis ao modismo e aos desmandes da mídia e dos meios de comunicação. A escola brasileira em particular, que não soube acompanhar ou se adaptar a estas transformações, tornou o ensino um caos e estar muito longe do que deveria ser. Evidentemente que a relação professor e aluno também foi atingida.

A pedagogia do diálogo, concentrando problema da educação na relação professor x aluno, desviou a atenção para um problema importante, mas não o principal. O problema principal continua sendo a relação da educação com a sociedade, essencial para entender a própria relação professor x aluno. Para isso a educação tem que ser transformadora, de modo a levar o aluno a participar dos problemas sociais (GADOTTI, 1995)⁵.

A prática pedagógica não deve esquecer a realidade concreta da escola e os determinantes sociais que a rodeiam, de modo que teoria e prática, professor/aluno, conteúdo e forma não existem isolados, mas encontram-se numa relação mútua (BENINCA, 1982)⁶.

⁵ GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Praxis*. São Paulo: Cortez, 1995 p.p. 69 -77.

⁶ BENINCA, Eli. *Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica*. 1982. *Revista de Pedagogia*, v. 11, n. 43, jul/set. 1982.

É equivocado a tese de que nada é possível fazer na educação enquanto não houver uma transformação da sociedade, porque a educação é dependente da sociedade (GADOTTI, 1995)⁷. Se é verdade que a educação não pode fazer sozinha a transformação social, também é verdade que ela não se efetivará e não se consolidará sem ela.

Concretizar uma educação transformadora não é fácil. É necessário a mudança da dinâmica do processo educativo, visando a formação e não o adiestramento do aluno, promovendo a participação e a automação, cabendo ao professor vê-lo como sujeito social com direitos e deveres, oportunizando o acesso ao conhecimento, à informação, à construção e à reconstrução do conhecimento e considerando sempre que o aluno existe com capacidades individuais e grupais, hábitos, herança cultural, social e familiar e vivência social (PERUFO, 1995)⁸. Só assim teremos a formação de cidadãos reflexivos, críticos e comprometidos com a resolução de problemas de sua realidade.

Se a educação não é a alavanca da transformação social, isso significa, ainda, que a sua luta deve estender-se além dos muros da escola. Como a sociedade, a educação é um campo de luta entre várias tendências e grupos, um espaço que nenhuma ideologia pode dominar inteiramente.

⁷ GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez. 1995 p.p. 69 - 77.

⁸ PERUFO, Jacira Beatriz Medeiros. Educar = Inter + Ação. In: *Revista do Professor*. Porto Alegre, v. 11, nº 43, jul/set., 1995. p.p. 50.

Assim, se o bom relacionamento entre professores e alunos é um dos fatores imprescindíveis para a melhoria do ensino (GROSSI, 1993)⁹, uma vez que desenvolve-se em torno do falar e do ouvir, do perceber e do ser percebido (AGUIAR, 1995)¹⁰, tal comportamento torna-se base importante para a formação de uma sociedade realmente democrática, justa e fraterna.

2.1 Fatores necessários na interação professor x aluno.

O relacionamento entre professor e aluno só é bom quando existe harmonia entre ambos, de modo que o aprendizado é fruto dessa interação. Vários fatores influem para que tal intercâmbio possa se concretizar e ser produtivo ou não:

2.1.1 A participação efetiva de todos os agentes da comunidade escolar.

Esta é, segundo PERUFO (1995)¹¹, a condição primeira para a interação. Este processo interativo ligado à comunicação terá, segundo a autora, o diálogo como principal procedimento da prática pedagógica interativa, onde as relações sociais devem favorecer a integração grupal, buscando desenvolver na escola a posse da palavra lida, ouvida, falada e refletida, aceitando-se as diferenças entre as pessoas e aproveitando-as como um recurso fundamental no trabalho escolar.

⁹ GROSSI, Ester Pillar. Relacionamento entre professor e aluno. In: **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXI, nº 247, outubro, 1993. p. 6-7.

¹⁰ AGUIAR, Maria Alice. Comunicação, via de mão-dupla: professor/aluno. In: **Paradoxa**. UNIVERSO: São Gonçalo-RJ, Ano I, nº 1, out/dez 1995. p.33-44.

¹¹ PERUFO, Jacira Beatriz Medeiros. Educar = Inter + Ação. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v. 11, nº 43, jul/set., 1995. p.p. 50.

Neste sentido, BECKER (1993)¹² ressalta que o professor tem o importante papel de procurar favorecer a atividade que realmente interessa ao aluno e dela tirar ensinamentos; enquanto que ao aluno cabe vir participar, não ausentar-se das aulas, mas manter-se integrado ao grupo de trabalho.

2.1.2 O respeito à igualdade e à hierarquia naturalmente existente.

A produção da aprendizagem depende muito da integração entre o professor e o aluno, uma vez que o aprendizado se constrói a partir do momento em que ambas as partes se descobrem como pessoas iguais, mesmo sendo o professor aquele que detém maior conhecimento sobre aquilo que se discute.

Se professor e aluno se completam é porque são diferentes nas suas funções. O professor deve ser visto como aquele que ensina e que sabe de coisas que o aluno não sabe, mas que também tem de aprender com eles, sobretudo o processo de aprendizagem — como os conteúdos são transmitidos para os alunos e como são captados por eles. (GROSSI, 1993)¹³. Já o aluno deve ser visto como alguém que precisa da sistematização, do planejamento, da organização didática, que só o professor ou a escola podem fazer.

2.1.3 A consciência de que ambas as partes tem que estar aprendendo.

A relação entre professor e aluno tem que ser um traço unificador, geradora do prazer de aprender juntos. O prazer, segundo GROSSI (1993)¹³, é a coisa mais

¹² BECKER, Fernando. Papeis de professor e de aluno no processo de aprendizagem. In: BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis: Vozes, 1993. p.p. 143 - 161.

¹³ GROSSI, Ester Pillar. Relacionamento entre professor e aluno. In: **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXI, nº 247, outubro, 1993. p. 6-7.

democrática do mundo; duas pessoas que sentem prazer se sentem irmanadas e igualadas.

2.1.4 A comunicação.

O professor, sem dúvida alguma, necessita de ser um comunicador em potencial. No entanto, como enfatiza bem AGUIAR (1995)¹⁴, o ser humano tem a tendência de querer ouvir sempre o que quer, ou melhor, ouvir aquilo que gostaria que o outro dissesse, de modo que, ouvir constitui-se numa arte, num ato de sabedoria que desencadeia sentimentos de prazer por estar em contato com o outro. O gostar de ouvir possibilita o processo de mudança pela descoberta das pessoas e o enriquecimento de si mesmo. O ser ouvido implica também no sentimento de perceber a atenção do outro em relação ao ser que fala, possibilitando a este expressar idéias, conceitos e pareceres.

Neste sentido, o relacionamento professor x aluno é profundamente rico no estabelecimento de um paralelo pessoal onde deve estar presente o cuidado de ouvir, não apenas o que se deseja ouvir, mas aquilo que o outro tem a dizer.

Dentro da pedagogia transformadora, do diálogo, a comunicação tem um novo sentido, buscando a interação em sala de aula, não mais como um simples encontro entre professor e aluno, mas como uma relação pedagógica em que se estabeleça um contato interpessoal, apoiado em propostas educacionais que irão despertar os interesses e as expectativas dos elementos envolvidos neste processo.

¹⁴ AGUIAR, Maria Alice. Comunicação, via de mão-dupla: professor/aluno. In: **Paradoxa**. UNIVERSO: São Gonçalo-RJ, Ano I, nº 1, out/dez 1995. p.33-44.

Assim, a comunicação irá se efetivar dentro de uma prática pedagógica reflexiva, tendo um caráter criador, que define e orienta a relação professor x aluno num sentido multidimensional (BENINCA, 1982)¹⁵, sendo que as relações se efetivarão a partir de comportamentos que os levarão a buscar, a questionar, a trocar idéias, a criar e produzir uma mudança, onde surgirá uma nova realidade.

2.1.5 O esforço para aprender.

Aprender é um processo que implica num esforço, numa conquista. Os alunos vão à escola para dominarem conhecimentos e habilidade e desenvolverem operações mentais, tendo em vista a preparação para a vida social e o trabalho. Portanto, a escola tem como grande desafio dar incentivos e estímulo para que o aprender seja um esforço sempre gostoso.

2.1.6 Método de ensino estimulante.

Segundo GROSSI (1993)¹⁶, a escola moderna não nos permite sermos intuitivos e artesanais, de modo que para produzirmos aprendizagem, temos que partir para um trabalho científico e realmente pensado. Para LIBÂNEO (1994)¹⁷, o professor deve ter a habilidade para assegurar a assimilação ativa, antecipar os objetivos do ensino, puxar dos alunos conhecimentos que já dominam, estimula-los ao desejo de

¹⁵ BENINCA, Elli. **Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica**. 1982.

¹⁶ GROSSI, Ester Pillar. **Relacionamento entre professor e aluno**. In: **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXI, nº 247, outubro, 1993. p. 6-7.

¹⁷ LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cariz, 1994. p. 77-102.

conhecer a matéria nova; deve transformar a matéria em desenvolvimentos significativos e compreensíveis, saber detectar o nível de capacidade cognoscitiva dos alunos, saber empregar os métodos mais eficazes para ensinar, não um aluno ideal, mas alunos concretos que ele tem à sua frente.

2.1.7 O bom relacionamento.

A aprendizagem exige o surgimento de um laço harmonioso entre o professor e o aluno. O professor deve exercer uma função materna e paterna, no sentido de que deve, respectivamente, dar guarida à ignorância do aluno e mostra-lo que o conhecimento equivocado que ele traz, pode se transformar num conhecimento mais amplo e mais completo.

A relação ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Ao contrário, é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos (LIBÂNEO, 1994)¹⁸. A relação professor x aluno fica comprometida quando o ensino se caracteriza pela memorização, quando o professor concentra na sua pessoa a exposição da matéria, quando não suscita o envolvimento ativo dos alunos, ou quando estes são deixados sozinhos, com o pretexto de que o professor somente deve facilitar a aprendizagem e não ensinar. Assim, a produtividade do grupo e sua eficiência estão estreitamente relacionados não somente com a competência de seus membros, mas, contudo, com a solidariedade de suas relações interpessoais. Para

¹⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cariz, 1994. p. 77-102.

AGUIAR (1995)¹⁹, perceber e aceitar o outro nas relações professor x aluno é, pois, uma oportunidade para satisfazer as necessidades de inclusão (sentimento de ser aceito pelo grupo), de controle (consciência de seu papel no grupo) e afeição (perceber-se no grupo como insubstituível), que são as mais comuns e básicas.

Em suma, relacionamento professor x aluno se faz autêntico, na medida em que cada um dos pólos percebe e respeita o outro como um ser em crescimento, passível de construções e reconstruções.

Outros elementos situacionais do processo ensino-aprendizagem condicionam o ensino e podem refletir de forma positiva ou negativa no relacionamento professor x aluno, tais como: a organização do ambiente escolar, os mecanismos de gestão da escola, o sistema de organização das classes, o conselho de pais, os livros didáticos, material escolar, etc.

2.2. Fatores que interferem na relação professor x aluno em sala de aula, na forma tradicional de ensino.

Segundo BENINCA (1982)²⁰ junto com a comunicação, podemos destacar três fatores que interferem na relação professor x aluno:

¹⁹ AGUIAR, Maria Alice. Comunicação, via de mão-dupla: professor/aluno. In: *Paradoxa*. UNIVERSO: São Gonçalo-RJ, Ano I, nº 1, out/dez 1995. p.33-44.

²⁰ BENINCA, Elli. *Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica*. 1982.

- a) A natureza das situações de ensino-aprendizagem mais utilizadas, onde o processo de ensino-aprendizagem efetiva-se através de uma comunicação mais comum, que é a aula expositiva;
- b) O caráter dos incentivos utilizados para a motivação dos alunos, onde o professor utiliza uma comunicação valendo-se quase que exclusivamente dos resultados das provas, pois, nesta situação a nota é que serve como incentivo ao aluno para verificar a assimilação dos conteúdos recebidos;
- c) Os mecanismos de informação sobre os avanços da aprendizagem. Este enfoque, segundo o autor, é falho, pois a atitude passiva do aluno e o autoritarismo do professor não favorecem uma comunicação esclarecedora. Em consequência desta situação, os alunos tornam-se apáticos, afastam-se do professor, procuram os próprios colegas, para buscar esclarecimentos, levando com eles uma dose muito forte de dúvidas e incertezas em relação aos conteúdos trabalhados durante o processo de ensinar e aprender.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida em três escolas da cidade de Patos - PB, sendo duas da rede pública e uma da rede privada e foi norteada por um questionário dirigido a professores e alunos. O questionário, composto de perguntas objetivas e subjetivas, foi elaborado visando levantar o perfil da relação professor x aluno nestas escolas, de modo a proporcionar a formação de um banco de dados que nos permitisse tirar conclusões e sugestões a partir de suas análises. O anexos 1 e 2, mostram, respectivamente, as perguntas dirigidas aos professores e alunos.

O questionário foi aplicado em turmas da oitava série, nas quais foram amostrados 6 professores de cada escola e 7 alunos de cada turma, sendo estes últimos escolhidos aleatoriamente através de sorteio. Os professores eram todos habilitados na área de educação e apresentavam um mínimo de três anos de experiência docente.

A pesquisa foi realizada em novembro de 1996, sendo os dados analisados logo em seguida. As respostas de professores e alunos foram analisadas separadamente a fim de obtermos uma melhor compreensão do ponto de vista de ambas as partes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão analisados observando-se, separadamente, o pensamento de alunos e professores, afim de facilitar a discussão e uma melhor análise das informações obtidas pelos questionários.

4.1 A análise do problema com base nas informações dos alunos.

A maioria dos alunos define a relação com seus professores como sendo de boa a ótima (Tabela 1), sendo que apenas 14,3 %, restrito a alunos da rede privada, definiu como sendo regular, afirmando, um deles, que geralmente entrava em atrito com o professor quando este "brigava" com ele.

Tabela 1. Grau de relacionamento de alunos ginasiais com seus professores, em três escolas na cidade de Patos - PB.

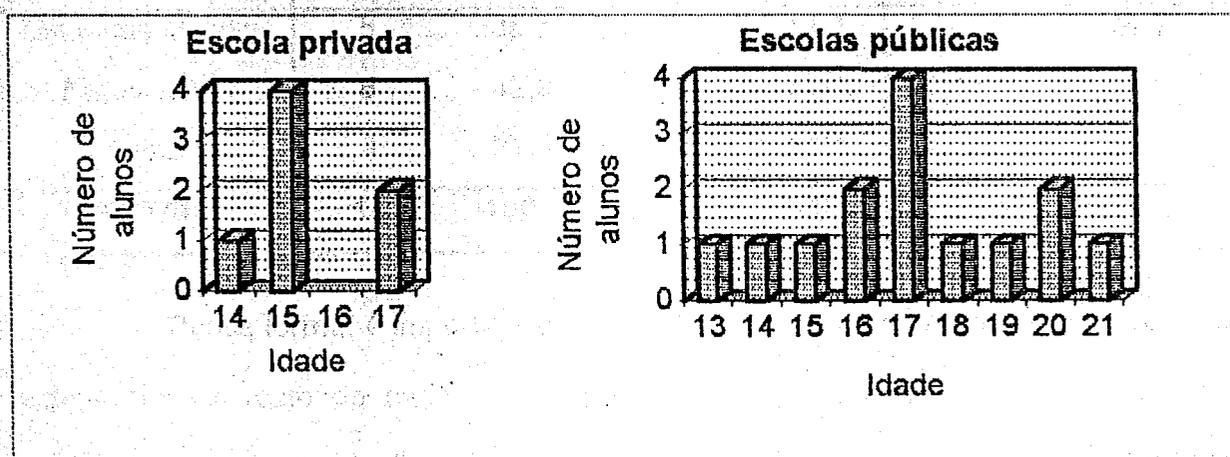
	Rede Pública		Rede Privada		R. Pública + R. Privada	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ótimo	5	35,7	2	28,6	7	33,3
Muito bom	4	28,6	1	14,3	5	23,8
Bom	5	35,7	1	14,3	6	28,6
Regular	-	-	3	42,8	3	14,3
TOTAL	14	100,0	7	100,0	21	100,0

Muitos, principalmente da rede pública, ao afirmarem ter um relacionamento bom ou ótimo, comentaram que tinham um comportamento "normal" e concluíram suas respostas com frases como: "*nunca respondi nenhum deles*", "*sei como me comportar*", "*não gosto muito de conversar com eles*", "*gosto de conversar com todos eles*", "*brinco mas também respeito*".

Isto mostra que, baseado na nossa realidade de ensino, os alunos ao afirmarem ter um comportamento normal, expressam uma atitude de passividade, onde se comportar bem é ser passivo, não discordar do professor e conversar pouco com eles. Alguns afirmam conversar com todos eles, mas qual será o assunto tratado e o nível de informações que fluem nessas conversas? É importante que o professor saiba aproveitar estes momentos e estas pessoas, para enriquecer suas aulas, seja em informações, seja aumentando o grupo dos perguntadores, dos curiosos. Esta é uma tarefa normalmente difícil e que exige do professor criatividade, espontaneidade e uma boa base pedagógica.

Merece ser ressaltado que alguns alunos demonstraram claramente estarem dando respostas baseadas apenas em algum professor e não no conjunto daqueles os quais lhe ensina. Outra coisa a ser considerada é que a grande maioria dos alunos entrevistados, 63,7 %, tinha entre 15 e 17 anos, conforme é mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1. Frequência de idade dos alunos entrevistados em três escolas na cidade de Patos - PB.



É, portanto, uma faixa etária que merece ser trabalhada com cuidado, carinho e paciência, onde o professor deve entender, muitas vezes, as atitudes de rebeldia e as perguntas muitas vezes ingênuas e fora do assunto da aula, destes que estão no auge de sua adolescência.

A freqüência com que os alunos fazem perguntas durante a aula é mostrada na Tabela 2, pela qual podemos observar que, no geral, mais da metade, isto é 52,4 % faz pergunta ao professor raras vezes, demonstrando que ou as aulas são muito bem ministradas, de forma clara e entendível e que os alunos estão assimilando bem todas as informações, ou que alguma barreira ao diálogo está existindo. Muitas vezes, pelo que temos lido nos livros que tratam da educação libertadora, as causas principais podem ser: medo de perguntar, vergonha, medo do professor e, a mais comum, desentendimento total do assunto dado em sala de aula.

Tabela 2. Freqüência de perguntas feitas em sala de aula, pelos alunos de três escolas da cidade de Patos-PB.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Públ. + R. Priv.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Em todas as aulas	5	35,7	1	14,3	6	28,6
Raras vezes	6	42,9	5	71,4	11	52,4
nunca	3	21,4	1	14,3	4	14,3
TOTAL	14	100,0	7	100,0	21	100,0

Dessa forma, é importante que o professor seja um profundo conhecedor das expressões do rosto de cada aluno, das suas reações, cada vez que uma nova informação for repassada. É preciso que se crie em sala de aula um clima de liberdade

de expressão, de debate. Uma pergunta só surge na dúvida, uma dúvida só é gerada quando se tem um mínimo de conhecimento sobre o que se discute. Por isso, é imprescindível que, para que haja debate, para que haja mais perguntas, que os alunos já venham para sala de aula com um mínimo de informações sobre o assunto a ser ministrado na aula do dia. Neste sentido, necessário se faz que o professor estimule seus alunos a adquirirem o hábito de ler o tema a ser debatido na aula seguinte.

A comunicação em sala de aula é sem dúvida de vital importância para que possa ocorrer ensino-aprendizagem. Segundo GADOTTI (1995)²¹, a pedagogia do diálogo é a pedagogia libertadora, que transforma o indivíduo à medida que o educa, exigindo do educador militância e amor, coragem e ternura.

Saber comunicar-se com seus alunos é a chave para o diálogo. Neste sentido, 90,5 % dos alunos entrevistados responderam que seus professores são bastante comunicativos, o que é uma informação bastante animadora.

Perguntados sobre que mudanças sugeririam para seus professores, mais da metade, isto é, 57,1 %, responderam nenhuma. O restante, 42,9 %, gostariam que seus professores fossem menos rigorosos, fossem mais compreensivos, que conversassem mais com turma, principalmente sobre assuntos atuais, bem como tivessem mais controle da classe e melhorassem cada vez mais.

Para eles, o bom professor é aquele que é comunicativo, compreensivo, calmo e amigo. Esta foi a opinião de 57,1 % dos alunos entrevistados, o que mostra

²¹ GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez. 1995 p.p. 69 - 77.

que eles vêm no apoio do professor, através da amizade e da compreensão, maiores chances para aprendizagem e maiores possibilidades de aprovação. Outros alunos, no entanto, ativeram-se a dizer que o bom professor é aquele que nunca falta, não deixa dúvidas, desempenha bem suas atividades na sala de aula, e só aprova o aluno se ele estudar. Unanimemente aprovam o professor que conversa, debate, ajuda e aconselha o aluno.

Essas informações revelam que o estudante vê também no professor o papel de educador, de conselheiro, de mestre. O mesmo percentual de estudantes que disseram que seus professores não precisariam mudar na forma como são, foi o mesmo que identificou o bom professor como sendo comunicativo, compreensivo, calmo e amigo. Dessa forma, é de se crer que seus professores o são assim. Realmente, conforme é mostrado no Tabela 3, cerca de 50 % dos alunos concordam que seus professores apresentam ótimas aulas. Alguns complementam dizendo que as aulas *"...são ótimas, mas um pouco barulhentas"*, *"ótimas, principalmente as de matemática"*, *"ótimas, pois todos têm bom relacionamento e explicam muito bem"*, *"raras vezes, no meio da aula, os professores fazem brincadeiras"*, *"são aulas explicativas, debatedoras"*, *"as aulas são regulares, algumas boas e outras muito chatas"*.

Vale ressaltar, que a filosofia do ensino que segue a pedagogia do diálogo ainda não está perfeitamente implantada nas nossas mentes, de forma que o aluno muitas vezes não sabe bem o real sentido da expressão professor comunicativo. Às vezes, o interpreta assim por que o professor conversa bastante, é alegre, diz piadas. É preciso entendermos que a comunicação só se realiza quando a mensagem é

recebida e entendida. Se durante a aula, o professor fala muito, mas pouco é entendido, mesmo que surjam perguntas, a comunicação, se existiu, não ocorreu na sua plenitude.

Tabela 3. Características das aulas ministradas pelos professores, segundo alunos de três escolas na cidade de Patos - PB.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Públ. + R. Priv.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ótima	7	50	3	42,9	10	47,6
Muito boa	1	7	1	14,2	2	9,5
Boa	5	36	-	-	5	23,8
Regular	-	-	3	42,9	3	14,3
Não sei	1	7	-	-	1	4,8
TOTAL	14	100,0	7	100,0	21	100,0

4.2 Análise do problema com base nas informações dos professores.

De acordo com o Tabela 4, a maioria dos professores acredita ter um bom relacionamento com seus alunos, principalmente aqueles da rede privada. Nos seus depoimentos, alguns professores, buscando serem mais claros nas suas respostas, enfatizaram a necessidade de se ter um relacionamento de amizade com os alunos, buscando a integração através do diálogo, falando ainda da importância do professor ser claro nas explicações dos conteúdos e de estimulá-los à prática da leitura; de modo que, só assim, será possível aumentar a capacidade e o nível de debate na sala de aula.

Tabela 4. Grau de relacionamento dos professores com seus alunos, em três escolas na cidade de Patos - PB.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Pública + R. Privada	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Excelente	1	8,3	-	-	1	5,6
Ótimo	4	33,1	1	16,7	5	27,7
Muito bom	1	8,3	-	-	1	5,6
Bom	5	42,0	5	83,3	10	55,5
Relativo	1	8,3	-	-	1	5,6
TOTAL	12	100,0	6	100,0	18	100,0

Infelizmente, observamos, de acordo com os depoimentos, que para muitos professores o termo relacionamento variou um pouco no seu sentido, de modo que, para alguns a pergunta visava apenas saber o grau deste relacionamento, enquanto que outros entenderam sobre o que na verdade estávamos perguntando e falaram, além do grau de relacionamento, do modo como este relacionamento ocorria, na busca dessa interação.

Desejosos de um relacionamento harmonioso com seus alunos, os professores buscam no diálogo, a forma para se conseguir tê-los integrados na vontade de aprender. Na convivência do dia-a-dia vão descobrindo as virtudes e os problemas de cada aluno. Assim, ao serem perguntados de que maneira eles identificam o bom aluno, foram unânimes ao responderem que é aquele que demonstra interesse, participação, bom comportamento e interação com a turma. Vale ressaltar ainda outras características identificadas, como: crítico, questionador e preocupado em entender o conteúdo ministrado.

O professor que tem a satisfação de ter, se não toda a turma, mas ao menos um bom grupo com essas características, já tem grande facilidade para conseguir criar na sala de aula um clima de debate, que com certeza fará da aula um momento sempre prazeroso. Mas, como identificar que seus alunos estão sentindo prazer em assistir a sua aula? A essa pergunta, surgiram muitas respostas; umas complementando as outras, de modo que, quando participam ativamente da aula, fazendo perguntas, debatendo, demonstrando curiosidade, prestando atenção às explicações, foram as características identificadas pelos professores.

O processo de ensino-aprendizagem, para obter sucesso, precisa da vital contribuição dos alunos na sala de aula. O professor sozinho não conseguiria tornar real a aprendizagem. Questionados sobre isso, os professores vêem na participação ativa, no respeito e atenção dada ao professor, no bom comportamento, na freqüência às aulas, e até mesmo, nos erros e acertos, como grandes contribuições dos alunos em sala de aula. Essas atitudes, trazem estímulo ao professor em sempre querer saber mais. Ao contrário, um deles confessa que, a inexistência do hábito da leitura na quase totalidade dos alunos, desestimula o professor porque demonstra desinteresse pela matéria e, como causa e consequência, leva à uma aula sem debate, sem discussão, sem questionamento, sem ânimo, uma vez que, associado ao desinteresse pela matéria, está uma total inexistência de um mínimo de conhecimento (adquirido na leitura dos livros didáticos) necessário para que o debate e o questionamento fluam, durante as explicações da aula.

Uma aula sem perguntas, deixa muitas vezes, o professor no mínimo preocupado, uma vez que tal comportamento pode significar um sinal de desinteresse

pela aula ou, mais dificilmente, uma total compreensão de toda a turma sobre o tema explanado. As perguntas durante a aula — expositiva quase sempre, torna a comunicação mais dinâmica. A Tabela 5, mostra que, segundo 72,2 % dos professores de três escolas da cidade de Patos - PB, os alunos fazem perguntas com freqüência durante as aulas, o que é coerente com os dados mostrados na Tabela 6, onde este mesmo percentual de professores afirma que seus alunos são interessados. Isto é lógico, se perguntam com freqüência é porque são interessados.

No entanto, se observarmos a Tabela 2, veremos que 52,4 % dos alunos entrevistados admitem que fazem perguntas raras vezes, tornando contraditória a afirmação da maioria dos professores. Isso pode até está demonstrando uma falha metodológica nossa na aplicação do questionário, mas mostra que o aluno entrevistado falou por si próprio, enquanto o professor falou pela turma, pela média da turma. Sabemos que nas turmas existem alunos interessados, perguntadores, debatedores e alunos desinteressados, preguiçosos, atrapalhadores. Como o critério de amostragem dos alunos entrevistados foi pelo sorteio, é possível que a maioria dos questionários tenha caído nas mãos daqueles que pouco participam.

Tabela 5. Freqüência com que os alunos de três escolas da cidade de Patos - PB fazem perguntas, segundo seus professores.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Públ. + R. Priv.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Freqüentemente	7	58,3	6	100,0	13	72,2
Ocasionalmente	5	41,7	-	-	5	27,8
Raras vezes	-	-	-	-	-	-
TOTAL	12	100,0	6	100,0	18	100,0

Tabela 6. Grau de interesse dos alunos de três escolas da cidade de Patos - PB, segundo seus professores.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Públ. + R. Priv.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Interessado	8	66,7	5	83,3	13	72,2
Desinteressado	4	33,3	1	16,7	5	27,8
TOTAL	12	100,0	6	100,0	18	100,0

Uma aula dinâmica torna os alunos interessados e vice-versa. O desinteresse dos alunos numa determinada matéria ou em estudar qualquer coisa na escola pode ser gerado por vários fatores. Assim, em resposta a uma pergunta nesse sentido, a razão que mais foi citada pelos professores foi a falta de predisposição dos alunos, seguida de outras como:

- Desvalorização da educação e falta de motivação dos professores;
- Falta de apoio a educação pelos governantes;
- Falta de recursos didáticos;
- Dificuldades financeiras nas famílias dos alunos;
- Falta de acompanhamento dos pais;
- Aulas pouco estimulantes

A primeira e a mais citada razão do desinteresse dos alunos nas aulas é, na verdade, mais consequência do que causa. Se analisarmos bem o problema, veremos que todos os fatores acima mencionados interagem criando esta situação de falta de

motivação e interesse do aluno. Parece que diante de toda essa problemática, resta apenas uma razão para que o aluno tenha interesse em estudar: vontade própria. É claro que o apoio dos pais (mesmo diante das dificuldades financeiras) e a vontade do professor (mesmo diante dos baixos salários e infra-estrutura precária para o ensino) são coadjuvantes importantes para que se mantenha viva no aluno o valor do saber e a vontade de aprender.

Sabemos que o professor muitas vezes torna-se impedido de desenvolver com empenho seu papel de educador, devido a diversas razões, muito próximas das mesmas enfrentadas pelos alunos. No entanto, o grande mérito daqueles que ensinam está em, mesmo diante das dificuldades, dos desestímulos, das incertezas, manterem-se na ética, executando seu trabalho que, mais do que pela necessidade de ganhar dinheiro, o faz por pura vocação.

Em um último questionamento, os professores são perguntados se se vêem como um ser político, neutro ou apolítico. De acordo com a Tabela 7, a maior parte, 66,7 % dos entrevistados se consideram políticos, enquanto que 22,2 % e 11,1 %, respectivamente, se acham neutros e apolíticos. A postura política do professor é a essência do seu papel, uma vez que a educação não pode manter-se neutra às questões extra sala de aula. Para GADOTTI (1995)²², o ato educativo é essencialmente político, de modo, que o papel do pedagogo é um papel político.

Um professor, ao dar uma aula, não deve desenvolver apenas o conteúdo de sua disciplina, mas também transmitir a seus alunos, através do diálogo interativo,

²² GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez. 1995 p.p. 69 - 77.

noções de que na sociedade existem conflitos, de que os mais fracos precisam se unir para terem poder de mudança, de que devemos questionar os valores da sociedade em que vivemos. O professor ao admitir que suas idéias são tão importantes quanto as opiniões de seus alunos, exerce uma postura democrática, permitindo-lhe manifestar-se e expressar-se livremente, favorecendo, ainda, o desenvolvimento da consciência crítica.

Tabela 7. Posição assumida, como cidadão, pelos professores de três escolas da cidade de Patos - PB.

	Rede Pública		Rede Privada		R. Públ. + R. Prlv.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Político	8	66,7	4	66,6	12	66,7
Neutro	3	25,0	1	16,7	4	22,2
Apolítico	1	8,3	1	16,7	2	11,1
TOTAL	12	100,0	6	100,0	18	100,0

5 SUGESTÕES

A chave para a melhoria da qualidade de ensino está na comunicação, no diálogo, na interação entre professor e aluno e principalmente na consciência de que o processo de ensino-aprendizagem deve estar comprometido com o aluno e a realidade social.

Para isso, é fundamental ao professor, reconhecer o seu compromisso com o educando, no sentido de não restringir o seu trabalho docente apenas aos conteúdos técnicos escolares, mas estendê-los aos conteúdos sócio-políticos. Isto implica, segundo BENINCA (1982)²³, numa revisão da prática pedagógica, pois, para tornarem-se participantes deste processo, professor e aluno devem compreender sua realidade e suas experiências, organizando reflexivamente o seu pensamento e agindo de maneira diferente.

O debate em sala de aula é importante, pois permite o diálogo, o questionamento. Como agente social que leva para a escola a vivência prática acumulada em casa, no trabalho e na rua, o aluno torna-se, por isso, capaz de reelaborar os conceitos emitidos pelo professor.

Assim, o aluno deixará de ser considerado um simples objeto e passará a ser sujeito de sua história e, o professor não será mais o centro desse processo, mas aquele que propõe atividades criadoras que contribuirão para a formação do aluno

²³ BENINCA, Elli. **Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica.** 1982.

(GADOTTI, 1995)²⁴. Nesta perspectiva, a comunicação efetivar-se-á dentro de uma consciência crítica entre professor e aluno, através do diálogo crítico, da fala e da convivência.

A aula deverá ser um momento de diálogo, no qual o aluno dispõe-se a participar, a vencer os seus medos, discordar dos pontos de vista do professor; deverá ser um tempo destinado à correlação de fatos, dando-lhes ordem e forma lógica, atribuindo-lhes significado. Isto, porém, segundo BENINCA (1982)²⁵, só será possível através de uma metodologia dialógica que se concretizará no confronto das idéias entre professor e aluno num contexto sócio-político-educacional.

Ser professor com essa filosofia de trabalho é um grande desafio, pois quando se tenta ter uma prática diferente dentro da escola, muitas vezes o professor é barrado pela sua estrutura (MEKSENAS, 1985)²⁶.

As indagações, durante as aulas, são as formas mais usuais para incentivar a participação do aluno. Uma forma de diálogo como pressuposto de uma proposta pedagógica. A comunicação bilateral é a chave para uma aula participativa e até criativa. O valioso é o fato de os alunos falarem, intervirem no processo ensino-aprendizagem.

²⁴ GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995 p.p. 69 - 77.

²⁵ BENINCA, Elli. **Prática Pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica**. 1982.

²⁶ MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo Sociologia: a paixão de conhecer a vida**. São Paulo: Loyola, 1995.

A exposição oral é a técnica mais usada nas escolas, e está basicamente organizada em cima da fala do professor. É importante criar um clima favorável no ambiente escolar, com participação dos alunos.

O professor é a principal fonte de informação sistematizada. Aulas em que o professor contesta a ideologia existente e que tenta construir o conhecimento de forma coletiva, são sempre mais atrativas para os alunos.

Os professores estão sempre ocupando espaço com a palavra na sala de aula. Os alunos estão sempre condicionados a esperar que o professor fale, dê aula; enquanto ele escuta, achando-se em condição apenas de ouvinte. É provável que professor e aluno assim se comportem por falta de vivência com outro tipo de abordagem pedagógica.

A pergunta exploratória (pergunta encaminhadora), muito usual, é uma técnica muito importante pois dá margem ao envolvimento da classe no assunto em discussão e mantém o professor informado sobre o nível de atenção e conhecimento dos alunos. O professor usando indagações, como forma de conduzir a aula, coloca o aluno mais à vontade para também perguntar. Perguntar não é um comportamento habitual entre os alunos. Trazer as dúvidas individuais para o contexto do coletivo tem sido o procedimento que mais se aproxima da produção do conhecimento na sala de aula como experiência social. Ex.: — Qual a opinião de vocês sobre o que o colega está expondo? — ...No lugar dele, o que vocês fariam? — Como vocês iniciariam a resolução deste exercício? Durante a explicação o professor pára e diz: — ... e agora o que faremos?

Com o estímulo verbal, o professor expressa a sua crença no aluno, na sua capacidade de contribuir para a aprendizagem que estava a produzir. Todo conhecimento faz parte da produção humana e por isso tem a ver com a vida e com a sociedade. Em qualquer área parece ser possível haver este tipo de relacionamento e parece que nada é mais significativo do que partir da experiência do aluno.

6 CONCLUSÕES

Quando se discute as melhorias para o processo ensino-aprendizagem, o enfoque primordial é a necessidade de se fazer uma prática de ensino renovada, de modo a deixar para trás a ultrapassada metodologia de ensino. Busca-se nesse caminho, uma prática de ensino não-repetitiva, participativa e reflexiva. Nesse contexto, a participação de toda a comunidade escolar é imprescindível. Todos têm que estar imbuídos nessa nova política de ensinar.

O professor precisa assumir sua identidade profissional, de forma consciente, sabendo do seu papel de educador-transformador, junto às mudanças sociais necessárias.

Na prática, assumir uma postura inovadora na educação, é um desafio para o professor, que é um profissional desvalorizado, mal remunerado e com precárias condições de trabalho. No entanto, é um sabedor da importância do seu discurso para a formação da consciência crítica do educando. É essencial para o bom andamento do processo ensino-aprendizagem, que o professor estabeleça meios para uma boa relação com seus alunos em sala de aula, e que essa relação seja voltada para uma comunicação bilateral, onde haja diálogo, e que o educando assuma o seu papel como participante ativo desse processo.

É importante, além da participação efetiva do professor e do aluno, que outros fatores e meios auxiliares de ensino, interfiram de forma coerente nesse processo, a fim de que o objetivo da educação venha a ser de fato concretizado.

O questionário aplicado nas três escolas da cidade de Patos - PB, permitiu-nos concluir que tanto professores quanto estudantes acreditam ter um bom

relacionamento, mesmo sendo este relacionamento, muitas vezes, regido por um clima de passividade, onde o professor fala, o aluno ouve e alguns questionamentos a respeito do assunto tratado fluem.

Resta-nos, portanto, acreditar mais na força do diálogo, da comunicação interativa, da liberdade de expressão em sala-de-aula, para que possamos transformar as nossas escolas num verdadeiro centro de formação humana, onde o aluno saia de lá consciente de seu papel social e da sua capacidade para mudar (para melhor) a sua vida e o seu meio.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AGUIAR, Maria Alice. Comunicação, via de mão-dupla: professor/aluno. In: **Paradoxa. UNIVERSO**: São Gonçalo-RJ, Ano I, nº 1, out/dez 1995. p.33-44.
- BECKER, Fernando. Papéis de professor e de aluno no processo de aprendizagem. In: BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**; o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993. p.p. 143 - 161.
- BENINCA, Eli. **Prática Pedagógica da sala de aula**: princípios e métodos de uma ação dialógica. 1982.
- GADOTTI, Moacir. Revisão crítica do papel do educador. In: GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez. 1995 p.p. 69 - 77.
- GROSSI, Ester Pillar. Relacionamento entre professor e aluno. In: **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XXXI, nº 247, outubro, 1993. p. 6-7.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cariz, 1994. p. 77-102.
- MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo Sociologia**: a paixão de conhecer a vida. São Paulo: Loyola, 1995.
- PERUFO, Jacira Beatriz Medeiros. Educar = Inter + Ação. In: **Revista do Professor**. Porto Alegre, v. 11, nº 43, jul/set., 1995. p.p. 50.

ANEXOS

1. Anexo de identificação

2. Anexo de identificação

3. Anexo de identificação

4. Anexo de identificação

5. Anexo de identificação

ANEXOS

6. Anexo de identificação

7. Anexo de identificação

8. Anexo de identificação

9. Anexo de identificação

10. Anexo de identificação

ANEXOS.

ANEXO 1.

• **Questionário aplicado aos professores.**

1. Você trabalha em escola: () pública () privada
2. Como é seu relacionamento com os alunos ?
3. Como você identifica o bom aluno ?
4. Como seus alunos demonstram que têm interesse nas aulas ?
5. Que contribuições seu aluno dá na sala de aula ?
6. Em que frequência se dá as perguntas dos alunos ?
() Frequentemente () Ocasionalmente () Raras vezes
7. Você considera seus alunos: () Interessados () Desinteressados
8. A que você atribui o desinteresse de seus alunos ?
9. Você se coloca como um ser:
() Político () Neutro () apolítico.

Muito obrigada !

ANEXO 2.• **Questionário aplicado aos alunos.**

1. Você estuda em escola: () Pública () Privada

2. Qual a sua idade ?

3. Como é seu relacionamento com os professores?

4. Com que frequência você pergunta nas aulas ?

() Em todas as aulas () Raras vezes () Nunca

5. Como você classifica seus professores quanto a comunicação ?

() Comunicativos () Pouco comunicativos

6. Que mudanças você sugeriria para seus professores ?

7. Na sua opinião como é um bom professor ?

8. Como são as aulas de seus professores ?

Muito obrigada !